

GREER HENDRICKS  
&  
SARAH PEKKANEN

**NO**  
**LUGAR**  
**ERRADO,**  
**NA**  
**HORA**  
**ERRADA**



 FARO  
EDITORIAL

GREER HENDRICKS  
&  
SARAH PEKKANEN

NO  
LUGAR  
ERRADO,  
NA  
HORA  
ERRADA

 FARO  
EDITORIAL



**YOU ARE NOT ALONE COPYRIGHT © 2020 BY GREER HENDRICKS  
AND SARAH PEKKANEN  
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH ST. MARTIN'S PUBLISHING GROUP.  
ALL RIGHTS RESERVED. COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **GABRIELA DE AVILA**  
Revisão **BÁRBARA PARENTE**  
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**  
Imagens de capa © **MAGDALENA RUSSOCKA | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Hendricks, Greer  
No lugar errado, na hora errada / Greer Hendricks,  
Sarah Pekkanen; tradução de Alda Lima. — São Paulo : Faro  
Editorial, 2022.  
256 p.

ISBN 978-65-5957-154-3  
Título original: You are not alone

1. Ficção norte-americana 2. Ficção psicológica 3. Suspense  
I. Título II. Pekkanen, Sarah III. Lima, Alda

22-1718 CDD-813

---

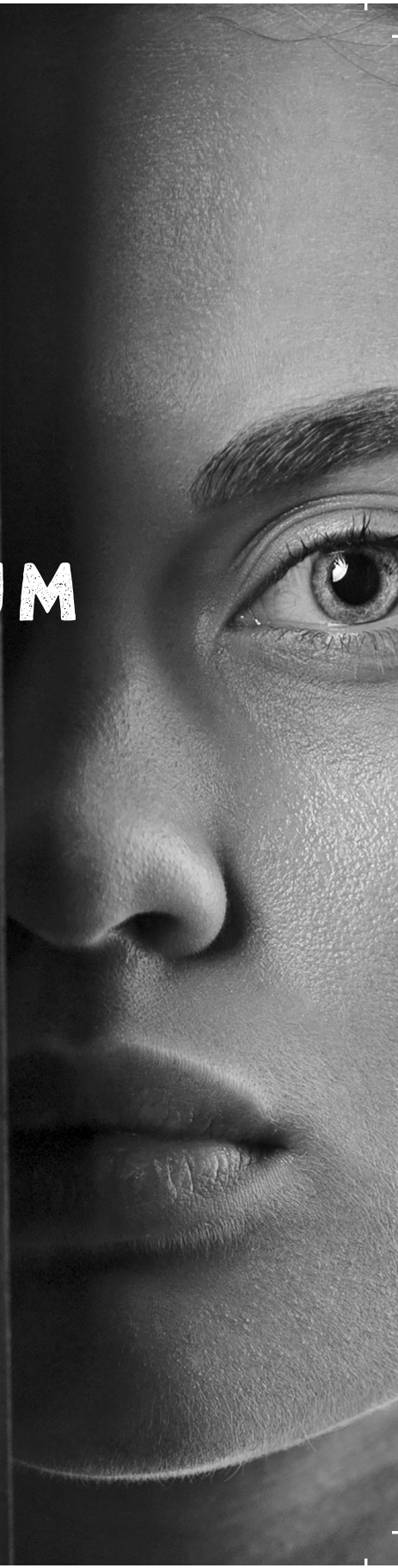
Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2022  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-000  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

**PARTE UM**



# 1

## SHAY

NÚMEROS NÃO MENTEM NUNCA. ESTATÍSTICAS, GRÁFICOS, PERCENTUAIS NÃO TÊM SEGUNDAS INTENÇÕES NEM ESCONDEM OBJETIVOS. NÚMEROS SÃO O QUE SÃO, SÃO VERDADEIROS. APENAS QUANDO AS PESSOAS COMEÇAM A MEXER NELES, A DISTORCÊ-LOS E MOLDÁ-LOS, É QUE ELES SE TORNAM DESONESTOS.

- DOSSIÊ DE DADOS, PÁGINA 1

Duas taças de vinho na mesinha de centro são a prova de uma noite romântica. Eu as tiro dali e enxáguo as manchas vermelhas acumuladas no fundo. O café está perfumando a cozinha com o aroma daquela terra escura que Sean me apresentou quando fui morar em seu apartamento na Murray Hill há um ano e meio.

Ao ouvir uma chave girar na fechadura, olho para trás. Um segundo depois, ele entra, tirando imediatamente os chinelos de dedo e cantarolando, como faz quando está feliz. Sean tem cantarolado muito ultimamente.

— Olá — digo, enquanto ele deixa no chão uma sacola de compras do supermercado com um buquê de tulipas roxas no topo. — Acordou cedo.

Seus cabelos ruivos estão um pouco arrepiados na parte de trás da cabeça e preciso me reprimir para não esticar o braço e passar os dedos por eles.

— Eu quis comprar algumas coisas pro café da manhã.

Ele tira da sacola ovos, croissants e morangos.

Enquanto pego a jarra de café, a porta do quarto de Sean se abre.

Quando sua namorada, Jody, entra na cozinha, ele pega rapidamente as tulipas.

— Bom dia! — diz Jody, espreguiçando-se.

Ela está usando uma samba-canção de Sean, quase inteiramente coberta por um dos grandes moletons dele. Seus cabelos cacheados estão presos num rabo de cavalo alto e as unhas dos pés, pintadas de um cor-de-rosa vibrante.

Sean lhe dá as tulipas — e um beijo. Eu viro de costas rapidamente, abro a geladeira e despejo um pouco de leite de amêndoas na minha caneca de viagem.

— Aproveitem o café da manhã — digo. — Vou trabalhar um pouco.

— No domingo?

Jody torce o narizinho petulante.

— Quero revisar meu currículo. Tenho uma entrevista amanhã.

Pego a sacola com meu notebook de cima do banco, junto à porta da frente. As sandálias de Jody estão embaixo, ao lado dos chinelos que Sean acabou de tirar. Com o dedão, afasto os calçados deles.

Depois, desço um lance de escadas e saio para a abafada manhã de agosto.

Já estou na esquina quando percebo que esqueci minha caneca de viagem na bancada da cozinha, mas resolvo me presentear com um *latte* gelado em vez de voltar ao apartamento. Ultimamente, tenho passado o mínimo de tempo possível por lá.

Isso porque os números não mentem: se um é pouco, dois é bom, três é... demais.

Abro a pesada porta de vidro da cafeteria, que está *lotada*. Não é de se admirar: 78% dos adultos americanos bebem café todos os dias, e as mulheres superam, ligeiramente, os homens. Além disso, Nova York é a quarta cidade mais cafeinada do país.

Não consigo me controlar: quase sempre vejo o mundo através de estatísticas. Não só porque, como pesquisadora de mercado, analiso dados para ajudar empresas a tomarem decisões sobre os produtos que vendem, mas porque sou assim desde pequena. Comecei a colecionar dossiês aos onze anos, enquanto as outras crianças colecionavam diários.

— Nossa, você ganhou cinco quilos desde sua última visita — disse meu pediatra quando fui fazer um exame para infecção na garganta no verão antes de começar o sexto ano.

— Shay, você é a mais alta. Pode ficar na última fila? — pediu meu professor do quinto ano no dia da foto da turma.

Nenhum deles falou aquilo num tom pejorativo, mas aqueles comentários, somados a outros que eu ouvia sempre, me fizeram perceber que números impactam como as pessoas te veem.

Eu registrava minha altura, meu peso e o número de gols que marcava em cada partida de futebol. Também coletava outros dados, como as categorias de moedas em meu cofrinho, quantos livros da biblioteca eu lia por mês, o *ranking* da votação do show de talentos que passava na televisão e a quantidade de medalhas de ouro, prata e bronze conquistadas pelo meu país nas Olimpíadas. Hoje, aprendi a aceitar, na maior parte do tempo, o meu corpo — os meus focos são a minha saúde e a minha força — e, agora, em vez do que a balança mostra, registro quanto tempo levo para correr meus dez quilômetros e quantos quilos consigo levantar.

Dou uma olhada pela cafeteria: há uma mulher debruçada sobre o notebook, digitando. Um casal sentado lado a lado, a perna dela sobre a dele, o jornal do dia aberto no colo deles. Um pai e um garoto com bonés iguais de um time de beisebol esperando o pedido no balcão.

Nos últimos tempos, as estatísticas parecem estar contra mim: tenho 31 anos e não estou namorando. Quando meu chefe me chamou na sala dele, no mês passado, achei que seria promovida. Em vez disso, ele anunciou minha demissão. É como se eu estivesse afundando lentamente num poço.

Estou me esforçando ao máximo para virar esse jogo.

Primeiro, preciso de um emprego. Depois, talvez faça um cadastro num site de relacionamentos. Sinto um vazio na minha vida que antes era preenchido pelo Sean. Antes

de ele conhecer a Jody, pedíamos comida chinesa pelo menos uma vez por semana e maratonávamos alguma série na televisão. Ele está sempre perdendo as chaves, e eu já sei, pelo jeito como ele me chama, que precisa de ajuda para encontrá-las. Ele rega a planta, que batizamos de Fred, e eu pego a correspondência.

Desde que terminei com meu namorado da época da faculdade, Sean foi o primeiro cara de quem eu realmente gostei. Comecei a me apaixonar meses atrás e achei que ele sentisse a mesma coisa por mim.

Assim que o barista põe meu *latte* no balcão, eu o pego e saio.

Ainda são nove e pouco da manhã, mas o calor está intenso, opressivo e praticamente me engole a caminho do metrô da rua 33. Quando sinto que meus cabelos começam a grudar no pescoço, paro e reviro a bolsa atrás de um elástico.

Esse ato simples me custa 22 segundos.

Ao descer as escadas sujas da estação, vejo o trem que acabei de perder deixando a plataforma. Alguns passageiros, que devem ter descido agora, começam a subir os degraus na minha direção. Chego à plataforma e sinto a última brisa do trem saindo da plataforma. Uma luz fluorescente oscila no teto e uma lixeira transborda. Há apenas mais uma pessoa esperando, a uns dez metros.

Por que ele não pegou o trem que acabou de sair?

Quando a presença de alguém causa estranhamento, geralmente é por um bom motivo. Um homem de barbicha e mochila vagando na plataforma deserta do metrô numa manhã de domingo não bastaria para acelerar meus batimentos cardíacos.

Mas o jeito como ele me olha, sim.

Eu o observo pelo canto do olho, atenta a qualquer movimento brusco, enquanto meu cérebro trabalha: as escadas estão logo atrás de mim. Se ele quiser me atacar, consigo subir bem rápido – mas posso ficar presa na catraca.

Não identifico nenhuma outra rota de fuga.

O homem dá um passo lento e deliberado na minha direção.

Olho para os lados, esperando que apareça alguém por ali.

É quando vejo, afinal, que não estamos sozinhos. Uma mulher de vestido verde com bolinhas brancas está mais adiante, na direção contrária à do homem, parcialmente camuflada pela sombra de uma grande pilastra.

Eu me aproximo dela, ainda mantendo o homem em minha visão periférica. Quando ele continua caminhando rumo às escadas, sobe e finalmente desaparece, me repreendo silenciosamente pelo exagero — o sujeito deve ter descido por engano na estação errada, o que eu também já fiz. Ele devia estar olhando para a saída o tempo todo, não para mim.

Expiro devagar e olho para o mostrador de LED verde. A previsão do próximo trem é de poucos minutos. Outras pessoas começam a chegar à plataforma.

Consigo ouvir o barulho distante das rodas se aproximando — uma trilha sonora familiar no meu dia a dia — e me sinto segura.

A mulher me olha de relance e percebo que ela tem mais ou menos a minha idade e altura — um metro e setenta e oito —, mas seus cabelos são mais curtos e mais claros do que os meus.

Seu rosto é agradável; o tipo de pessoa a quem eu pediria informações se estivesse perdida.

Interrompo nosso contato visual e olho para baixo. Tem alguma coisa refletindo no concreto da plataforma. Uma joia. A princípio, imagino que seja uma pulseira, mas quando me abaixo para pegar, percebo que é um cordão de ouro com um pingente de sol radiante.

Imagino que a mulher o tenha derrubado e estou quase perguntando a ela, mas o rugido do trem aumenta.

Ela se aproxima da beirada da plataforma.

Minha mente emite um alerta: ela está perto demais!

É quando me dou conta de que ela não está ali para pegar o metrô.

Estico o braço em sua direção e grito algo parecido com Não! ou Não faz isso!, mas é tarde demais.

Nossos olhares se cruzam. O trem aparece na boca do túnel. Ela se joga.

Por uma fração de segundo, a mulher parece congelada, suspensa no ar, braços para o alto como uma bailarina.

O trem passa, as rodas rangendo freneticamente contra os trilhos, o som agudo mais alto que já ouvi.

Sinto o meu estômago embrulhar e me debruço para vomitar. Começo a tremer incontrolavelmente, reagindo ao horror, enquanto minha mente tenta, frenética, processar o que aconteceu.

Alguém está gritando sem parar:

— Chamem uma ambulância!

O trem para. Eu me obrigo a olhar. Nem sinal da mulher.

Num instante, ela existia; no outro, foi apagada. Cambaleio até um banco junto à parede e desmorono.

Durante tudo o que se seguiu — enquanto dou meu depoimento a uma detetive de semblante impassível, passo pela fita da cena do crime, sou escoltada até a rua e percorro os sete quarteirões de volta para casa — não consigo parar de ver os olhos daquela mulher. Não vi neles desespero, medo ou determinação.

Eles estavam vazios.

## 2

### CASSANDRA E JANE

Amanda Evinger tinha 29 anos. Solteira. Sem filhos. Morava sozinha num estúdio em Murray Hill, não muito longe da estação central, e trabalhava como enfermeira na



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM MAIO DE 2022